

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

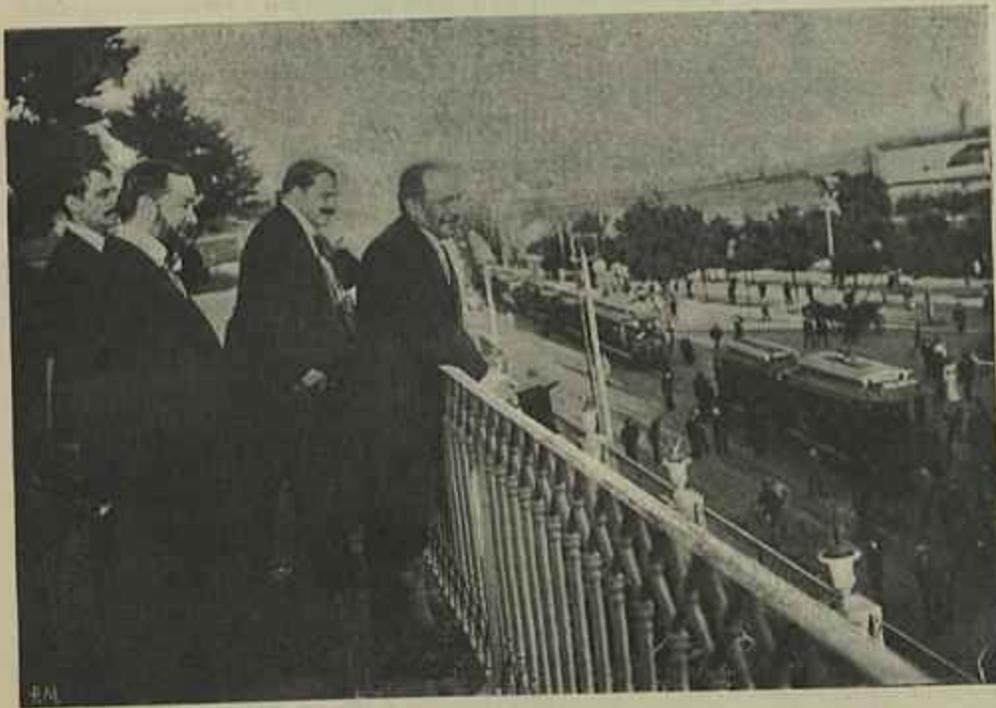
20 de Outubro de 1910

Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.ºs 1144 e 1145

Proclamação da Republica em Portugal

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa



O MARECHAL HERMES DA FONSECA, NA VARANDA DO PALACIO DE BELEM, AGRADECENDO AS OVAÇÕES POPULARES

Ha na vida das nações como na dos individuos coincidencias de notar, que não pôdem passar despercebidas.

Está neste caso a visita do marechal Hermes da Fonseca, presidente eleito da Republica dos Estados Unidos do Brasil, a nação irman a que Portugal deu o ser e que é hoje seu orgulho, antecipando-se-lhe nos ideias dos nossos tempos e avançando a olhos vistos no caminho do seu desenvolvimento, tendo por lêmã na sua bandeira *Ordem e Progresso*.

Lisboa toda se alvorçou com a visita deste brasileiro ilustre como se elle fôra, acaso, o mensageiro da liberdade, que viesse ás famosas aguas do Tejo trazer as primicias de uma nova era, á semilhança das primeiras luzes da civilisação, que ha quatro seculos, um portugês audacioso e feliz, Alvares Cabral, levára ás aguas do desconhecido Guanabara.

Uma convulsão intima agitava as consciencias, como que no presentimento de acontecimentos, que para muitos não serião ainda definidos, mas que outros já verião na sua realidade.

Os acontecimentos não se fizeram esperar muito e vieram comprovar o presentimento de qualquer coisa de extraordinario. Umã setentas horas depois do presidente eleito da Republica dos Estados Unidos do Brasil ter chegado ao Tejo, Lisboa proclamava a Republica!

Notavel coincidência!

Era na presença de um ilustre filho do Brasil, que vae dirigir os destinos daquella patria irman, e que naquella qualidade visitava por poucos dias esta capital, que em Lisboa se levanta a re-

volução mais extraordinaria por seus efeitos, proclamando a Republica em poucas horas, galgando, como que de um salto, o regimen politico secular que governava este povo, e pondo-se ao lado da nação que é seu orgulho, porque se formou e engrandeceu pelo generoso sangue portugês, que ali tem levado, o seu trabalho, a sua atividade, todo o seu esforço!

O formidavel couraçado *S. Paulo* entrava no Tejo pelo alvorecer do dia 2 e ao seu encontro ia uma flotilha de 12 vapores e outros barcos cheios de gente pressurosa em saudar o marechal Hermes da Fonseca.

Era a Associação dos Lojistas de Lisboa, a Comissão Municipal Republicana, a Liga Naval, a Associação Commercial e outras coletividades, avultando grande numero de pessoas que por si se associavam á festiva recepção.

Cercando o couraçado esta numerosa flotilha, romperam os calorosos vivas e saudações ao som do himno brasileiro, que as bandas de bordo tocavam. Foi no meio deste delirio de ovações e palmas que o presidente eleito appareceu na ponte do *S. Paulo* a agradecer, embarcando depois na galeota que o conduziu ao arsenal, onde desembarcou, sempre acompanhado pelas aclamações e boas vindas, que não cessavam de clamar dos vapores e botes regorgitando de gente.



AS OVAÇÕES POPULARES AO MARECHAL HERMES DA FONSECA, EM FRENTE DO PALACIO DE BELEM

Esperado no arsenal pelo ministerio, conde de Sabugosa por parte de El-Rei, governador civil, autoridades de marinha e do exercito, por todo este elemento oficial foi o marechal Hermes da Fonseca recebido, apresentando o sr. dr. Costa Mota, ministro do Brasil em Lisboa, o sr. presidente do conselho ao illustre visitante e seguindo-se as apresentações do estilo.

Uma força de marinheiros fazia a guarda de honra no arsenal assim como fóra do edificio formava o batalhão de caçadores 5.

Em automoveis seguiram o illustre marechal e sua comitiva para o palacio de Belem, onde ficou hospedado.

O governo poz ás ordens do presidente eleito o major sr. Vasco Martins, assim como o sr. Batalha de Freitas para o acompanhar em todas as visitas.

Pouco tempo depois de chegar ao palacio de Belem, o marechal Hermes da Fonseca visita o chefe do Estado no palacio das Necessidades, visita que foi logo retribuida.

Às 8 horas da noite realisava-se o jantar de gala no palacio das Necessidades, com todo o ceremonial da corte, trocando-se no fim brindes muito afétuosos.

No domingo 3, de manhan, foi o presidente eleito a Cintra cumprimentar as rainhas e almoçar na Pena.

Dali, voltou por Cascaes e Estoril, ao palacio de Belem, pelas 5 horas da tarde, onde o esperava, na praça D. Fernando, uma extraordinaria ovação popular.

Não se descreve a enorme multidão que se agitava na vasta praça onde se ergue o monumento a Affonso de Albuquerque, e que tem por limite ao sul o Tejo, e ainda menos se pôde descrever o entusiasmo delirante com que essa multidão saudava o marechal Hermes da Fonseca.

O serviço dos eléctricos ficou interrompido durante algumas horas por não poderem passar, e a força militar que guardava o palacio, teve de calar baioneta, no receio de que o povo o invadisse; este, porém, acatou o pedido da policia, e apenas entraram as comissões. Eram ellas da Associação de Lojistas, representada pelos srs. José Pinheiro de Mello, João José da Costa, José Romão de Mattos, Silverio Carvalho Tramella e Manuel Joaquim Boticas. Depois a Escola Liberal de Carnide, Associação dos Caixeiros, Atheneu Commercial, União dos Empregados do Comercio do Porto, Centro Escolar Andrade Neves, Escola Oficina n.º 1, com as suas professoras e acompanhada pelo sr. Luiz Filipe da Matta; Gremio Lusitano, representado pelos srs. José Maria Pereira, Constancio de Oliveira e Amor de Mello; Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, Gremio Humanidade, Associação de Classe dos Alfaiates e outras coléctividades. Todos para cumprimentarem em nome das suas corporações, o illustre representante da nação brasileira.

Mas as aclamações são cada vez mais ruidosas e, num cesto que foi pendurado da varanda dos jardins, muitos acodem a deitar os seus cartões de visita.

O marechal Hermes da Fonseca chega então á varanda a agradecer fazendo sinal de que vae falar, e a multidão quêda-se para ouvir o illustre estadista, que se lhe dirige nestes termos:

«Legendario povo portuguez, honra da humanidade, fonte de onde brotou a minha patria, que é a nação brasileira: Eu vos agradeço comovido a entusiastica, a imponente manifestação que me fazeis, e que se reflectirá no coração dos vossos filhos — os brasileiros. Eu vos agradeço enternecidamente este testemunho de amor, de simpatia e de estima que acabaes de manifestar pelo meu país.»

Estas palavras são acolhidas com indescriivel entusiasmo; agitam-se no ar os chapéus e lenços em calorosos vivas ao Brasil, succedem-se ininterruptamente as salvas de palmas por mais de 10 minutos até que, tendo-se retirado da varanda o marechal, a multidão foi pouco a pouco dispersando.

As festas, porém, continuavam, e á noite, na sala do Risco do Arsenal de Marinha era o banquete oferecido pelas Associações Commercial, a dos Lojistas e a Industrial de Lisboa.

A grande sala fóra decorada com plantas, bandeiras e renques de luz eléctrica, estando á entrada a corveta em que fazem exercicios elementares os guarda-marinhas, a qual desenhava seus con-

tornos com lampadas de incandescencia produzindo belo efeito. Nesta corveta estava a banda da armada e junto a ella a da guarda municipal, as quaes executavam varias peças de musica, entre ellas a *ouverture do Guarany*, de Carlos Gomes, *Lohengrin*, *Miragem* de Taborda, *Rapsodias Portuguezas* de Moraes, etc. Ao fundo da sala, onde fóra colocada a mesa de honra, via-se por detraz desta, entre trofeus de bandeiras brasileiras e portuguezas, um quadro formado por flôres em que se lia *Ben Vindo* e por cima as iniciais *H. F.* Aos lados do quadro duas placas brancas onde, estavam escritos em caratêres azues, os seguintes versos de Camões:

*Que alegria não pôde ser tamanha,
Que achar gente minha em terra estranha.*

*Não vos hão-de faltar gente famosa
Honra, valor e fama gloriosa.*

Na sala toda engalanada e iluminada a *giorno* havia grande movimento de creados completando as mesas onde ia ser servido o banquete a cerca de trescentos convidados. Os cristaes brilhavam por entre as flôres decorativas. Convidados procuravam os logares que lhes reservavam; outros escolhiam os que queriam ocupar. Lindas ementas alegoricamente desenhadas por Jorge Collaço, estavam dispostas em cada logar e eram analisadas pelos convivas; conversava-se, discutia-se com calor, a animação era grande.

Sôam as 8 horas, marcadas para principio do banquete, e na sala ouve-se as bandas tocar o himno brasileiro. E' o marechal Hermes da Fonseca que chega acompanhado pelo presidente do conselho, ministros dos estrangeiros e da guerra, membros das comissões, etc., que o tinham ido esperar á entrada.

O presidente eleito da Republica Brasileira vem á paisana, e a sua pequena estatura mal se destaca entre as pessoas que o rodeiam. Um jornalista francez no *Matin* comparou-o á figura de Napoleão Bonaparte, e com acerto; se o seu olhar não é penetrante como o do grande dominador, é extremamente vivo, e na ampla fronte, já meio despovoada de cabelos, ha os caracteristicos de um cerebro bem formado. Conta 55 annos mas a sua vivacidade não aparenta tanto. Toma logar na mesa de honra, tendo á sua direita o sr. ministro da guerra, presidente da camara municipal, conselheiro Ferreira do Amaral, governador civil do distrito, e á sua esquerda os srs. Fernando Anjos, presidente do conselho, Costa Motta, José d'Azevedo Castello Branco, Belfort Ramos, consul do Brasil, etc.

O banquete decorre alegre e mais se anima quando principiam os brindes, que estavam marcados, cujo primeiro é do sr. Fernando Anjos pela comissão organisadora daquela festa em honra do representante da grande Republica. E' breve e preciso referindo-se á intima ligação de Portugal e Brasil, pelo sangue, pela intellectualidade, falando a mesma lingua mãe. Brinda pelas prosperidades dessa grande nação, levantando vivas ao Brasil que são calorosamente correspondidos com *hurrahs* por entre o himno brasileiro.

Segue-se o brinde do sr. presidente do conselho. Sente-se feliz por poder saudar na pessoa do illustre hospede, cuja visita tão agradável era ao nosso país, a grande nação amiga, que por suas virtudes de trabalho sabia impôr-se á consideração do mundo, e quanto se devia mais e mais estreitar os laços desta amizade e alargar as relações commerciaes numa comunidade de interesses e garantias. Brindava tambem pelas prosperidades do Brasil, sendo este brinde da mesma fórma, correspondido com entusiasmo.

Faz em seguida o seu brinde, produzindo um brilhante discurso. o sr. José Antonio de Freitas, primoroso escritor brasileiro, há mais de 30 annos residente em Portugal, terra que adotou como sua. E' o correspondente literario do *Jornal do Comercio* do Rio de Janeiro, folha que conta mais de meio seculo de existencia e das mais consideradas de todo o Brasil.

Este brinde sobresahe pela forma erudita e litteraria' falando com elegancia, que por vezes encanta e arrebatou o auditorio. Sauda o grande e ao mesmo tempo modesto homem, digno descendente de Deodoro, o fundador da nova Republica. Hermes da Fonseca vinha de uma demorada viagem pela Europa, onde fóra recebido com todas as demonstrações de apreço, mas devia levar desta terra gratissimas impressões de quanto era querida neste país a patria brasileira e de quanto era aqui tambem sagrado o culto do trabalho e da liberdade.

Saudando a união entre portuguezes e brasileiros, erguia seu brinde com vivas a Portugal e

ao Brasil, que são correspondidos calorosamente, tocando as bandas o himno brasileiro e o portuguez.

O sr. Fernando de Sousa faz um brinde em nome da Sociedade Propaganda de Portugal que ali representa e Comissão Luso-Brasileira. E' breve e suas palavras saudando o Brasil, são applaudidas.

O sr. Alberto Bessa faz o brinde por parte do *Jornal do Comercio*, como a folha noticiosa mais antiga de Lisboa, tendo um breve discurso aludindo ás descobertas dos navegadores portuguezes do seculo xvi, em que teve a boa fortuna, Alvares Cabral, de descobrir o Brasil, trazendo-o ao convivio do velho mundo e da civilização moderna, terminando por saudar o marechal Hermes da Fonseca que representava ali aquella grande povo irmão e amigo. Este brinde é tambem correspondido com o mesmo entusiasmo.

Falla ainda Caetano Alberto, como o jornalista mais antigo ali presente. E' breve o seu discurso, mas caloroso, mostrando o entusiasmo que tem pelo Brasil onde despontou, como a tantos outros portuguezes, a sua mocidade e ali encetou os trabalhos da vida. Sabe quanto é grande e naturalmente rico aquelle solo privilegiado, que os portuguezes com seu trabalho fadigoso tem explorado e engrandecido, e por isso para os filhos de Portugal não prevalece a teoria de Monroe, porque no Brasil tem a sua segunda patria. Diz quanto era para desejar que os livros e revistas portuguezas tivessem livre entrada de direitos no Brasil, como a litteratura brasileira deveria ter livre entrada em Portugal. Com desvanecimento e até orgulho vêem os portuguezes prosperar aquelle grande país onde o progresso caminha a passos agigantados, e é por essa florescente republica, que elle brinda erguendo a sua taça com vivas ao Brasil e a Portugal, que são entusiasticamente correspondidos ao som dos himnos.

Por ultimo ergue-se da sua cadeira o illustre Presidente Hermes da Fonseca e, muito comovido, lê o agradecimento aos oradores que tanto o tinham distinguido com os seus brindes: conhece o valor e a tempera dos portuguezes, seus irmãos, fazia os mais arduos votos pela solidariedade de interesses das duas nações amigas, protestando a sua grande vontade no estreitamento das relações dos dois países. Levantava, pois, a sua taça, para beber á grandiosa e legendaria nação portugueza e terminava levantando um viva ao rei de Portugal.

As bandas tocaram o himno nacional e os *hurrahs* misturam-se com os acordes da musica.

Assim terminou o banquete, eram 11 horas da noite.

Na segunda feira, 3, o principal numero do programa, era a visita á Sociedade de Geografia, a qual se realisou pelas 11 horas da manhan.

Antes dessa hora já o povo se aglomerava na rua de Santo Antão aguardando a chegada do illustre visitante, que é ovacionado com calorosos vivas.

Na sociedade é recebido pela direção.

A sala Portugal onde se vae celebrar a sessão em honra do Presidente Hermes da Fonseca, está cheia de socios e convidados, que se estendem até ás galerias. Muitas senhoras animam a assembleia com a sua presença.

Uma prolongada salva de palmas acolhe a entrada do illustre visitante na sala, o qual toma a presidencia, a convite do sr. Almeida d'Eça.

À direita toma logar o sr. capitão de mar e guerra Almeida d'Eça, vice-presidente em exercicio, á esquerda o sr. ministro do Brasil, ocupando as cadeiras de secretarios os srs. Moreira de Almeida e dr. Silva Telles. Ao lado direito da mesa tomam logar os srs. conselheiros Barjona de Freitas, Ramada Curto, Joaquim José Machado e Luiz Eugenio Leitão, directores da Sociedade.

Constituida assim a mesa, o sr. Almeida d'Eça lê um belo discurso de saudação, que é muito aplaudido e ao qual responde o sr. Hermes da Fonseca, agradecendo as homenagens da Sociedade de Geografia, mostrando o seu sentimento pela falta de Consiglieri Pedroso, que elle conhecia e estimava como era merecedor pelos seus talentos.

As palavras do illustre Presidente são muito acamadas pela assembleia, o qual depois passa a visitar as salas e museu.

O segundo numero do programa desse dia era a visita de El Rei a bordo do *S. Paulo*, a qual se realisou pelas 3 horas, com todas as formalidades do estilo, sendo recebido pelo Marechal, que mostrou ao Chefe do Estado todo o navio, que é um dos mais potentes couraçados dos ul-

O marechal Hermes da Fonseca em Lisboa



A FLOTILHA DE VAPORES COM AS COMISSÕES, QUE FORAM ESPERAR O MARECHAL HERMES DA FONSECA, COMBOIANDO A ENTRADA DO COURAÇADO «S. PAULO» NO TEJO

timamente construídos em Inglaterra, deslocando 19.200 toneladas, com andamento de 21 milhas, movido por 4 máquinas de 4 cilindros de triplice expansão com 18 caldeiras, e com couraça de 12 polegadas nas suas torres; arma 12 peças por banda de 30 cent. além de mais artilharia.

Houve um delicado copo de água oferecido a El-Rei que terminou com afetuosos brindes.

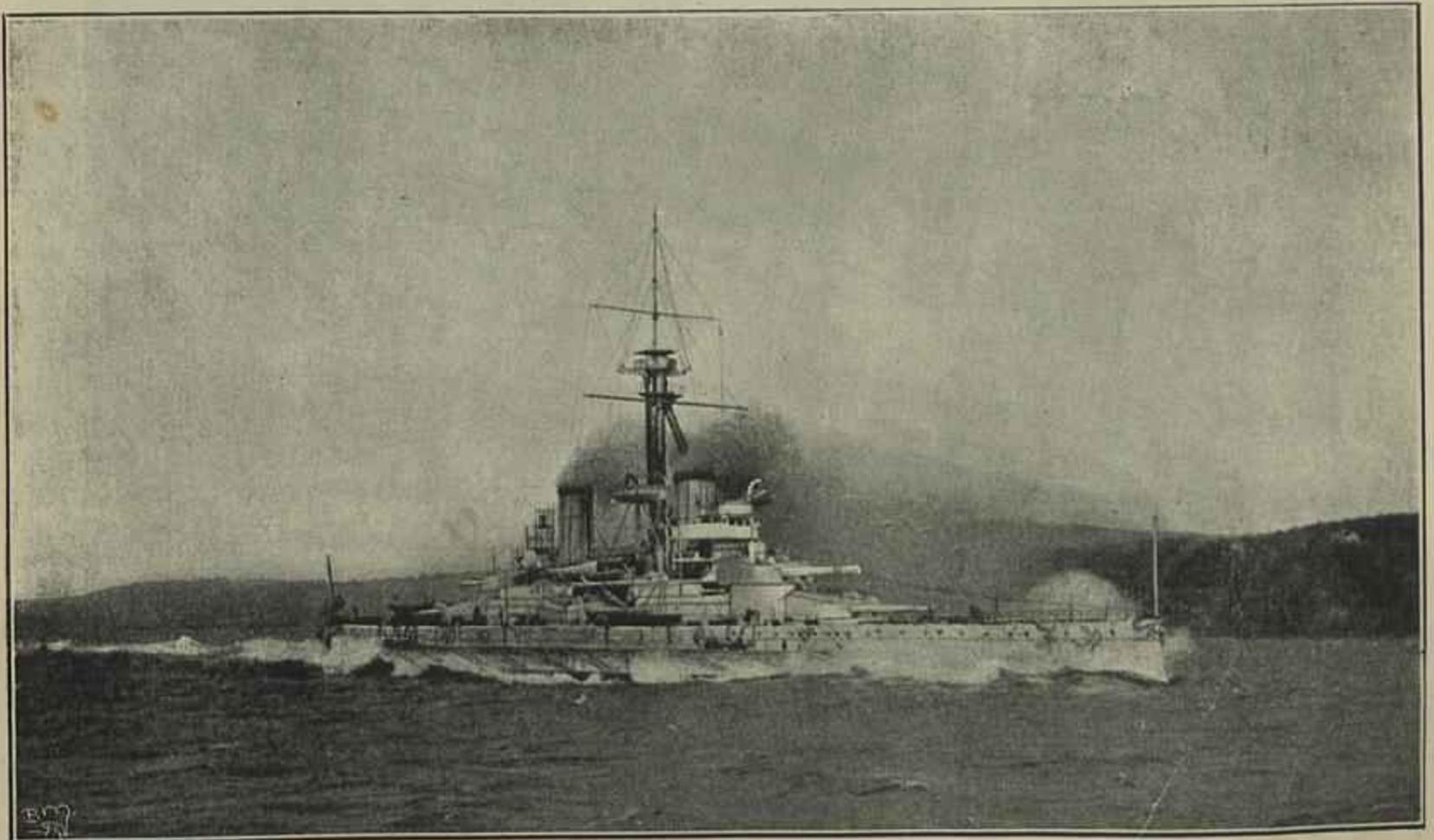
O sr. D. Manuel retirou-se, seguindo depois uma brilhante *matinee* a bordo, para que foram feitos numerosos convites e que decorreu animadamente.

A' noite foi o jantar no palacio de Belem oferecido pelo Presidente eleito a El-Rei, e com este numero do programa terminaram as festas d'aquelle dia.

Mal se poderia supôr que seriam aquellas as ultimas festas da côrte, como foram tambem as ultimas do programa, que para o dia seguinte marcava a visita á Camara Municipal, onde o illustre Presidente seria recebido por toda a ve-

reacção e muitas outras corporações que o iriam ali saudar. Os acontecimentos precipitaram-se, como se verá adiante, e o illustre Marechal Hermes da Fonseca, depois de se ter recolhido pelas 2 horas da tarde do dia 4, ao couraçado *S. Paulo*, ainda poudo vêr, de bordo d'esse navio, a bandeira da Republica fluctuar no topo dos mastros dos cruzadores *S. Rafael* e *Adamastor* a bambardearem o palacio das Necessidades, onde poucas horas antes fôra recebido pelo monarca português.

O *S. Paulo* só largou do Tejo no dia 6, levando a seu bordo o sr. Presidente eleito.



O COURAÇADO «S. PAULO», QUE CONDUZIU O MARECHAL HERMES DA FONSECA, FUNDIADO NO TEJO

O Marechal Hermes da Fonseca em Lisboa



O marechal Hermes da Fonseca

NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA — O MARECHAL HERMES DA FONSECA E SUA COMITIVA,
RECEBIDOS PELA DIREÇÃO DA SOCIEDADE, NA SALA «PORTUGAL»



O marechal Hermes da Fonseca

NO BANQUETE, NA SALA DO RISCO, OPERECIDO AO MARECHAL HERMES DA FONSECA PELAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAL,
DOS LOJISTAS E INDUSTRIAL DE LISBOA — A MESA DE HONRA

(Instantaneos Benoliel)

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA EM PORTUGAL

A Revolução

Portugal entra em uma nova fase da sua vida politica. Mudaram as instituições pelo poder dominador da revolução. Os factos da historia que, muitas vezes, parecem reger-se por leis desconhecidas, mas necessarias e fataes, são sempre a resultante do procedimento dos homens, unicos propulsores dos acontecimentos.

As revoluções são o facto inexoravel em que o povo intervem como um juiz para julgar o seu proprio destino.

A evolução das idéas politicas tem se operado acentuadamente, entre nós, como se opera em outras nações, mesmo naquellas onde a tradição mais rigorosamente exerce a sua poderosa influencia. As idéas democraticas, que ainda ha vinte annos contavam em Portugal entre os seus adeptos apenas alguns homens de talento e de caracter, como Oliveira Mareca, Latino Coelho, Rodrigues de Freitas, Elias Garcia, José Falcão, para citar sómente os mortos mais illustres, alargaram, especialmente de ha dez annos a esta parte, o seu dominio sobre o espirito publico. Por um lado, contribuiu para isso a propaganda mais activa e persistente do ideal republicano; por outro lado as

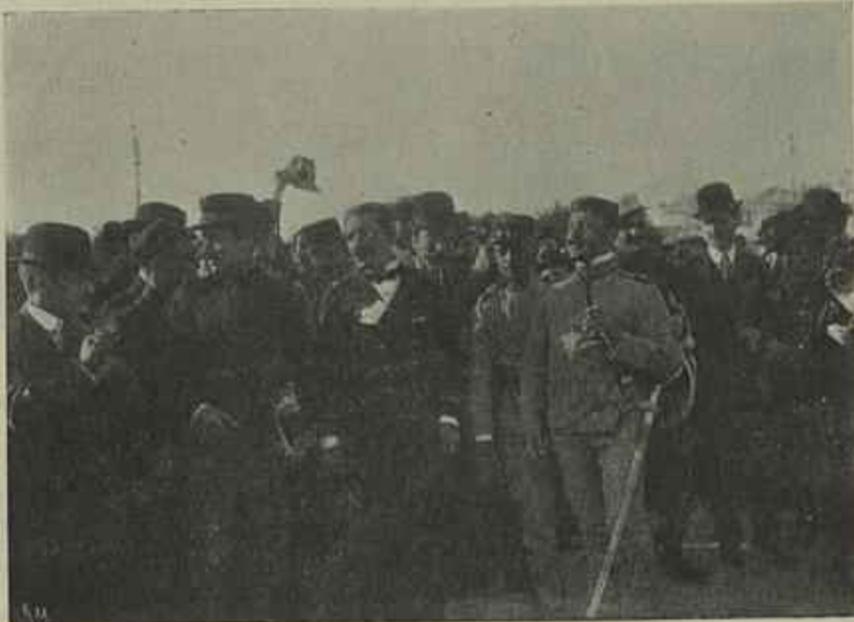
divisões e erros politicos dos partidos que diziam defender a monarchia, aproveitados como arma de combate violento contra ella.

Verdadeiramente sensacionaes fóram os acontecimentos que vimos desenrolarem-se como um espectáculo pavoroso, aos olhos atonitos e anciosos do país, e que conduziram á proclamação da

mudança de um regimen que vinha de perto de oito seculos e que contara entre os seus representantes alguns eleitos do povo e heróes das maiores grandezas da nossa raça.

Horas tragicas viveram o povo e o exercito de Lisboa, fraternizando, por entre o fragor ardente de uma batalha quasi legendaria, á força de heroicidade e de bravura.

O valor e a bravura da velha raça lusitana, como que sahindo das paginas inertes e frias das cronicas medievas, de novo se ergueram deante do mundo, para mostrar quanto vale este admiravel povo de marheiros e soldados.



Machado dos Santos

GRUPO DE REVOLUCIONARIOS COM MACHADO DOS SANTOS

Apenas foi conhecida em Lisboa a morte do dr. Miguel Bombarda, assassinado por um louco a quem aquelle illustre medico havia tratado, principiaram a excitar-se os espiritos e a movimentarem-se as impressões e commentarios, baseando se principalmente na intuição de o crime ter sido inspirado pelos elementos mais conservadores da politica.

No Rocio, tendo um individuo, ao ler a noticia no placard da succursal do *Seculo*, dito que fóra bem empregado o tiro de revólver que dera a morte ao denodado democrata, alguns outros individuos que o ouvi-



A AVENIDA DA LIBERDADE, THEATRO DA REVOLUÇÃO,

A proclamação da Republica em Portugal



OS MARINHEIROS QUE DESEMBARCARAM DOS NAVIOS DE GUERRA,
PASSANDO NO ROCIO, DIRIGEM-SE PARA O ACAMPAMENTO DA REVOLUÇÃO, NA AVENIDA DA LIBERDADE

ram quiseram agredi-lo, ao que o atrevido ponde furtar-se. Assim se deram outros disturbios nas principaes ruas da Baixa e em algumas mais afastadas do centro da cidade.

Foi apedrejada tambem a casa da redacção do jornal *Portugal*, orgão do partido ultra-conservador.

Estas manifestações duraram até á uma hora da madrugada de 4, terça-feira, em que socegaram, julgando-se o movimento sem maior importancia.

O governo a que presidia o sr. Teixeira de Sousa, porém, informado da excitação dos espiritos, deu ordens para se dobrarem as patrulhas e ser exercida a maior vigilancia nas ruas.

Pouco depois da uma hora da madrugada começou-se a ouvir tiros para os lados de Campo de Ourique, correndo insistentes boatos de alteração da ordem publica.

Eram os populares que, armados de espingardas, carabinas e revólvers, tinham assaltado a cerca do quartel de infantaria 16, disparando alguns tiros, sendo esse o signal para o regimento se revoltar.

Os soldados sahiram logo das casernas, ficando feridos alguns officaes que quiseram opôr-se ao movimento. Arrombados os paíes e os depósitos de armamento, foi este distribuido aos populares, a muitos dos quaes os soldados ensinavam o seu manejo, seguindo logo o regimento e o povo em

direção a Entremuros, protegido por pequenas forças de soldados comandados por cabos, que os dispunham nas embocaduras das ruas.

Por as ruas de Campo de Ourique, os magotes do povo, louco de entusiasmo, marchavam apressadamente dando vivas subversivos, e agitando o populoso bairro. A' frente do regimento via-se um official de marinha de espada desembainhada, commandando-o. Era o commissario naval Machado dos Santos.

Ao saber destes acontecimentos, ponde o conselho de ministros reunir-se, e resolveu mandar guarnecer o Paço das Necessidades, onde se achava o Rei D. Manuel, pelo regimento de caçadores 2, o qual estabeleceu as metralhadoras

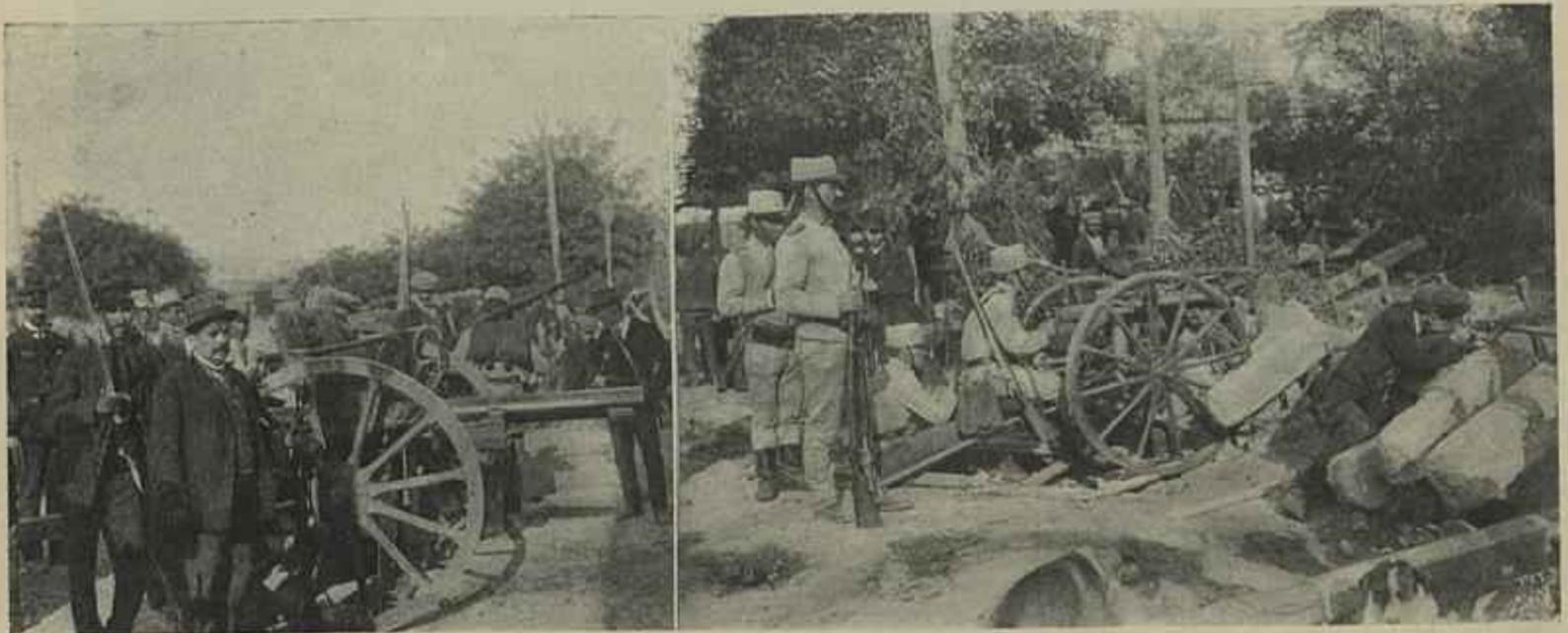


UM ASPECTO DO ACAMPAMENTO REVOLUCIONARIO, NO ALTO DA AVENIDA DA LIBERDADE
(Cliché da «Mala da Europa»)

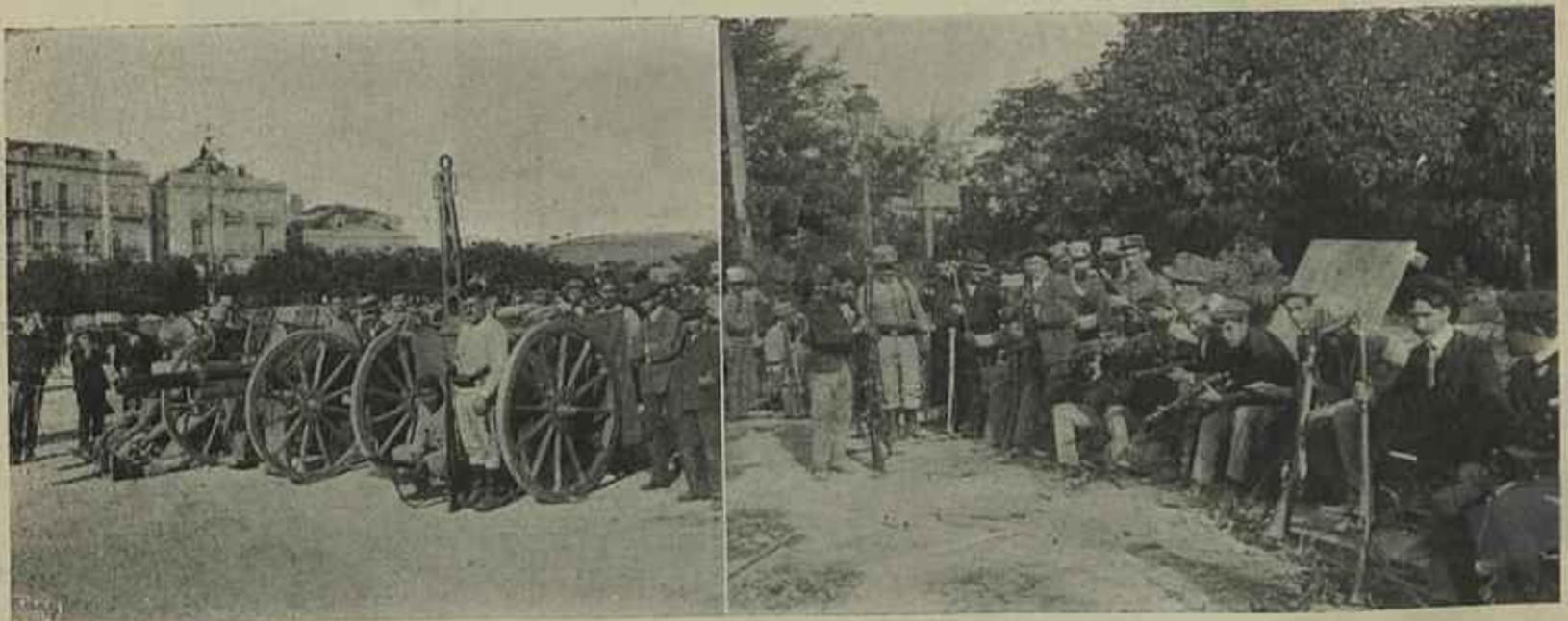
A proclamação da Republica em Portugal



NO ACAMPAMENTO REVOLUCIONARIO, O POVO ARMADO, NAS BARRICADAS QUE LEVANTOU

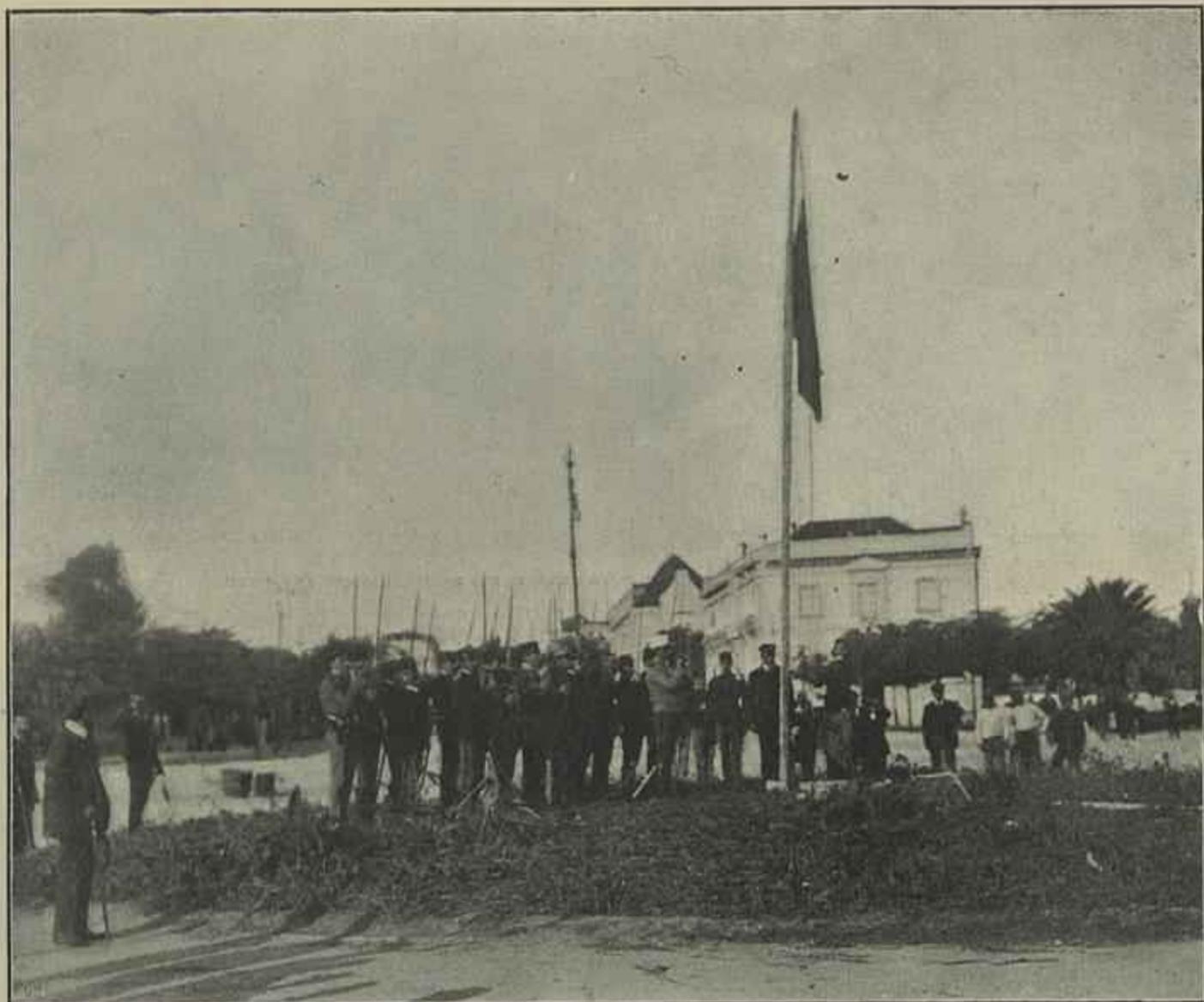


NO ACAMPAMENTO REVOLUCIONARIO, POVO, SOLDADOS DE INFANTARIA 16 E ARTILHARIA 1, FAZENDO PONTARIAS



NO ACAMPAMENTO REVOLUCIONARIO, ALGUNS MOMENTOS DE ARMISTICIO
(Instantaneos Benoliel)

A proclamação da Republica em Portugal



REVOLUCIONARIOS TRIUNFANTES ATEANDO A BANDEIRA DA REPUBLICA NO SEU ACAMPAMENTO DA AVENIDA DA LIBERDADE



A PRAÇA DO MUNICIPIO NO MOMENTO DE SER PROCLAMADA A REPUBLICA DA VARANDA DOS PAÇOS DO CONCELHO

A proclamação da Republica em Portugal



REVOLUCIONARIOS E MEMBROS DO DIRECTORIO REPUBLICANO NA VARANDA DA CAMARA MUNICIPAL, NO ACTO DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA
(Cliché da «Mala da Europa»)

em bateria nas imediações. Ao mesmo tempo, dava ordens para que soubesse a Guarda Municipal ao encontro dos revoltosos, e marchasse sobre Lisboa a artilharia que se aquartelava em Queluz.

Mas já então os grupos revolucionarios se distribuam por toda a cidade, empunhando bandeiras

ras verdes e encarnadas e dando calorosos vivas á Republica.

No quartel de artilharia 1 dava-se o mesmo movimento de insurreição. Alguns officiaes ainda tentaram opôr-se, mas fôrão obrigados pela força a desistir d'esse proposito.

A' uma hora e tres quartos da manhan ouviram-se na cidade os vinte e um tiros de peça, disparados do lado do rio. Era a marinha de guerra saudando a bandeira republicana que acabava de ser hasteada no cruzador *D. Carlos*, que até ahí se conservara fiel ás instituições monarchicas.

Quando rompeu a manhan, achavam-se no Rocio

os regimentos de Infanteria 2, Caçadores 2 e uma parte do regimento de Lanceiros 2. Caçadores 5 tinha as metralhadoras assestadas para as embocaduras das ruas. No alto da Avenida da Liberdade, estava Artilharia 1, com numerosos populares, que ali haviam levantado já uma formidavel barricada. Dentro do quartel dos Marinheiros em Alcantara, dois mil homens armados dispunham-se a atacar as forças fieis ao regimen.

Tendo chegado a bateria de Queluz, foi postarse em frente da Penitenciaria, de onde procurou alvejar as forças revolucionarias acampadas na Rotunda Pouco depois era repelida com perdas muito consideraveis. A cavalaria da Municipal, que tambem tentara duas investidas sobre Artilharia 1 e Infanteria 16, em ambas era derrotada. Quasi ao mesmo tempo, o regimento de Cavala-



O QUARTEL GENERAL DOS REVOLUCIONARIOS INSTALADO NA CASA DO SR. COSTA LOPES NA AVENIDA DA LIBERDADE

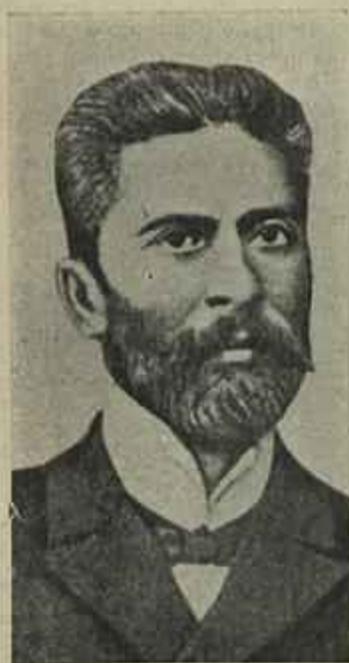


O DR. EUSEBIO LEÃO, GOVERNADOR CIVIL, Á JANELA DO SEU GABINETE ACONSELHANDO ORDEM AO POVO

O primeiro governo da Republica



DR. TEÓFILO BRAGA
Presidente



AMARO DE AZEVEDO GOMES
Ministro da Marinha



DR. ANTONIO LUIZ GOMES
Ministro do Fomento



CORONEL BARRETO
Ministro da Guerra



BAZILIO TELLES
Ministro da Fazenda

(Clichés da «Mala da Europa»)

O primeiro governo da Republica

ria 4, que estava postado em Belem, adheria aos revoltosos entrando para o quartel dos Marinheiros, combinando se as forças.

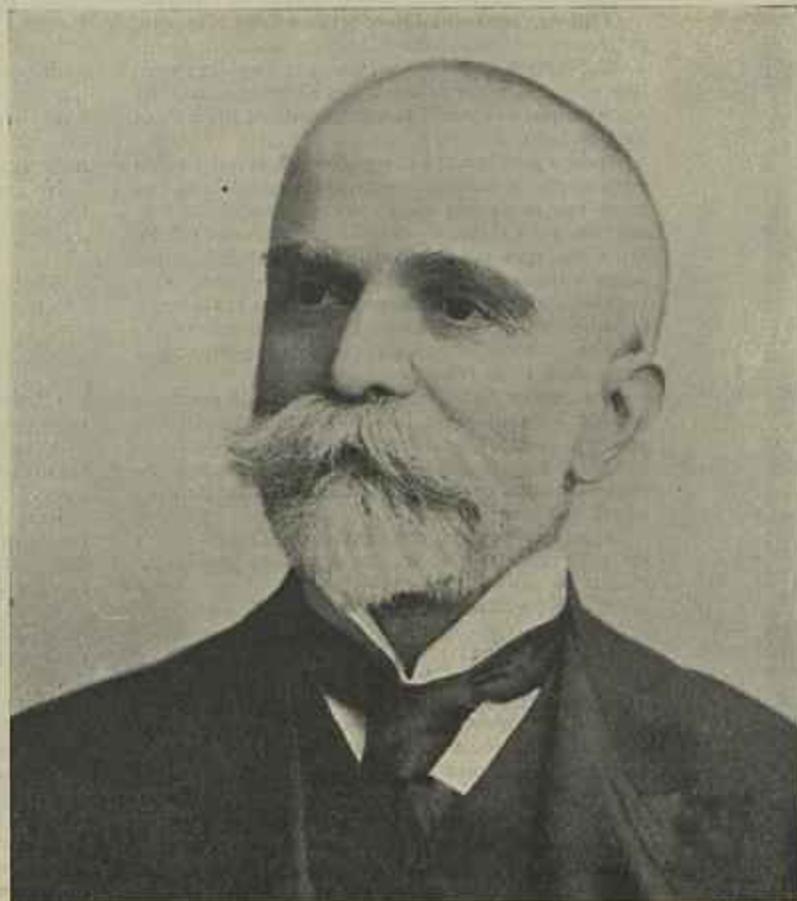
Emquanto em terra se prolongava o tiroteio da Artilharia e das forças dispersas, dos cruzadores *Adamastor* e *S. Rafael* recrudescia o bombardeamento, que visava agora o Paço das Necessidades, onde se sabia estar o Rei. As granadas caíam tão certeiras sobre o edificio, que nem uma só se perdia, causando rombos enormes e desmoronamentos parciaes.

O dia 5

A's cinco horas da tarde de 5, a situação dos revolucionarios era gloriosa. As forças do Governo tinham sido batidas em toda a linha.

Durante o resto da tarde e toda a noite de 4 para 5, a anciedade foi dolorosa. Todos inquiriam, todos desejavam conhecer a verdade dos factos, as probabilidades dos mil boatos espalhados; e a anciedade augmentava á medida que os minutos passavam, sem haver possibilidade de colher informações do proprio teatro dos acontecimentos, onde tudo vedava a entrada áquelles que não combatiam.

Repetida fuzilaria das tropas do Rocio como que respondia



DR. BERNARDINO MACHADO
Ministro dos Estrangeiros

aos tiros atroadores das peças do *S. Rafael*. No caminho da Morgue e dos hospitaes andavam em vae-vem as macas da Cruz Vermelha transportando mortos e feridos. Os gritos de entusiasmo e de estímulo entre os combatentes do lado dos revolucionarios juntavam-se aos gritos de dôr dos que cahiam varados por as balas.

Já então se afirmava que o Rei tinha fugido do Paço, levado num automovel para Mafra.

Quando rompeu o dia, e o sol esplendido subiu e encheu de luz a terra portugueza, estavam perdidas as ultimas esperanças para as forças do Governo. Chegava a noticia de que alguns regimentos da provincia, chamados em auxilio da causa monarchica, acabavam de adherir ao movimento revolucionario.

Cerca das oito horas da manhã, depois de um bravo ataque das forças revolucionarias, renderam-se então as forças monarchicas, e logo foi arvorada no Castello de S. Jorge a bandeira da Republica.

Não se faz idéa do entusiasmo que immediatamente irrompeu de todos os pontos da cidade e seus suburbios aonde a noticia chegon, com o eco das salvas dos navios de guerra annunciando a proclamação.

A'parte o procedimento de alguns soldados da Guarda Mu-



DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA
Ministro do Interior



DR. AFFONSO COSTA
Ministro da Justiça

(Clichés da «Mala da Europa»)



JOSÉ RELVAS

Membro do Directorio Republicano, aconselhando ordem ao povo, depois da proclamação

nicipal, que disparam as armas contra gente do povo inofensiva, todas as forças militares se portaram com bravura, honrando a raça portuguesa. Durou a revolução dezenove horas, e foi vivíssima a peleja. Os soldados, mesmo os que por espirito de disciplina, defendiam a monarchia, honraram as tradições de valor que tanto abrilhantam a historia do nosso exercito.

Depois da victoria da Revolução, o povo não commetteu nem um só desacato. Entregou-se festivamente a todas as expansões de alegria, fazendo prova do mais digno civismo.

Só foi lastimavel a attitude daquelles que, mudando em arma de aggressão a cruz pacificadora de Cristo, provocaram represalias populares que felizmente não tiveram abundantes consequencias funestas.

Proclamação da Republica

A proclamação da Republica foi feita no edificio da Cammara Municipal ás nove horas da manhã. Fóra, no Largo do Municipio, aglomerava-se uma multidão enorme.

O Dr. Euzébio Leão, membro do Directorio, abeirou-se da varanda dos Paços do Concelho, e falando calorosamente ao povo declarou que a Republica acabava de substituir o regimen monarchico no governo da nação. A seguir, e no meio de uma ovação vibrantissima, que mais parecia um arrebatamento de loucura, o illustre membro do Directorio acrescentou que, sendo o povo português um povo respeitador incondicional da liberdade, desnecessario seria recomendar-lhe a maior prudencia e o maior socego. «A ordem está restabelecida, disse, e no regimen republicano cabem todas as aspirações, todas as vontades generosas. A republica é um regimen de perfeita liberdade. Comportem-se pois todos dentro da maxima tranquillidade.»

Concluida esta fala, outro membro do Directorio comunicou ao povo os nomes dos cidadãos que passavam a constituir o governo provisório da Republica.

Não se descrevem as manifestações de delirio em que irrompeu a multidão. As bandeiras, os chapéus e os lenços agitando-se, os gritos de mi-

lhares de pessoas saudando a Liberdade e a Patria, as lagrimas de intensa commoção marejando os olhos de todos — que significativo espectáculo!

Quantos se apertavam em estreitos abraços, quantos se felicitavam com palavras de ternura!

O povo, conservando-se em ordem absoluta, celebrava o triunfo completo da sua causa, festejava-a com a espontaneidade e a singeleza com que costuma exteriorisar a sua alegria. Não tinha coração para odios. A victoria banhara-lhe a alma de bondade.

Após a proclamação, espalhou-se o povo pelas ruas cantando a *Portuguesa*, aplaudindo-os vultos mais em evidencia da democracia, e assim tem andado na exhibição entusiastica do seu jubilo. Os vivas não cessam; os himnos patrioticos resoam vibrantemente. A um estado depressivo de inquietação e amedrontamento, como era aquelle em que os ultimos tempos do regimen monarchico nos tinham lançado, succedeu o regosijo mais decidido e mais franco.

Um clamor frenetico e unisono saúda por toda a parte o pavilhão symbolico de um novo sistema politico, que foi, durante largos annos de combate, de propaganda, de culto fervoroso, a aspiração de uma grande parte da população de Portugal.

Logo que o gabinete provisório Tomou conta do governo, fez publicar as seguintes proclamações:

AO POVO PORTUGUES

«Cidadãos:

O povo, o exercito e a armada acabam de proclamar a republica. A dinastia de Bragança, malefica e perturbadora consciente da paz social, acaba de ser para sempre proscrita de Portugal.

Este facto estranho e famoso que representa o orgulho de uma raça indomavel e a redenção de uma patria que a bravura tornou legendaria, enche de entusiastica alegria o coração dos patriotas.

Eis que finalmente termina a escravidão d'esta Patria e se ergue luminosa na sua essencia virginal a aspiração benefica de um regimen de liberdade.

Cidadãos! O momento que decorre redime e compensa de todas as luctas combatidas, de todos os trances dolorosos que soffreram. E sómente é preciso para elle ser o inicio de uma época de austera moralidade e impoluta justiça, que todos os portugueses se unam numa harmoniosa communhão de principios. Façamos do nosso sacrificio pela Patria a base do nosso programa politico, e da generosidade para com os vencidos a base do nosso programa moral.



O MINISTRO DO INTERIOR, DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA, VEM AO PALACIO DAS NECESSIDADES VERIFICAR OS ESTRAGOS PRODUZIDOS PELO BOMBARDEAMENTO

Cidadãos! Que um só interesse, o interesse pela Patria, vos anime e uma só vontade, a vontade de ser grande, nos una!

A Republica confia do Povo a manutenção da ordem social, o respeito pela justiça e a dedicação pela causa commum da liberdade!

Consolida-se com amor e sacrificio a obra que surge da Republica Portuguesa.»

AO EXERCITO E Á MARINHA

«O governo provisório da Republica Portuguesa saúda as praças de terra e mar que, como o Povo, instituiu a Republica, para felicidade da Patria e confia no patriotismo de todos.

E por que a Republica para todos é feita, espera que os officiaes do exercito e da armada que não tomaram parte no movimento revolucionario se apresentem no quartel general a garantir pela sua honra a mais absoluta lealdade ao novo regimen.

No entanto, os revolucionarios devem guardar todas as suas posições para defeza e consolidação da Republica.»

Ao mesmo tempo, era afixado nas ruas de Lisboa o seguinte edital do Governador Civil:

AO POVO

«Ordem e trabalho é a divisa da Patria libertada pela Republica.

A todos os cidadãos de Lisboa se pede que sejam os primeiros a manter a tranquillidade publica.

Respeito pelas pessoas e propriedades dos estrangeiros, respeito pelas pessoas e propriedades dos portugueses sejam quaes forem as suas classes, profissões e opiniões politicas ou religiosas.»

A Camara Municipal de Lisboa dirigiu-se á cidade nos seguintes termos:

«Concidadãos:— A vereação republicana de Lisboa, reunida em sessão extraordinaria, congratula-se comvosco pela proclamação da Republica Portuguesa, prestando calorosa homenagem ao patriotismo, á bravura fisica e á coragem moral dos militares e civis que concorreram para a sua proclamação e deplorando comovidamente o sangue derramado durante as tragicas jornadas de 3, 4 e 5 de outubro.

Recordando todas as grandes revoluções da historia patria e estranha, nenhuma excedeu em civismo, em ordem pela propria vida e em generosidade a que os nossos olhos pasmados contemplavam, nenhuma cidade conhecemos que tão legitimamente, haja conquistado o direito de governar-se por si e pelos seus eleitos.

Não basta, porém, proclamar a republica; é mister, agora, consolidá-la e acreditá-la construindo sobre os escombros um futuro de paz e de ordem em que a ciencia e o trabalho substitua o preconceito e o privilegio.

Para isso carecemos, mais do que nunca, da vossa illimitada dedicação e da vossa intima e fraternal solidariedade. Irmãos na terefa ingrata

mas necessaria da demolição, irmãos devemos continuar na tarefa menos penosa mas não menos difficil da pacificação e reconstrução, não esquecendo a maxima tolerancia e piedade para com os vencidos.

Para isso contamos comvosco, como vós podeis contar comnosco, e unidos ambos, cidade e camara, em breves dias a vida normal, ordeira e



NO LARGO DAS DUAS EGREJAS
OS REVOLUCIONARIOS PERCORREM EM TRENS
AS RUAS DE LISBOA

laboriosa apagará a memoria dos iníquos e tenebrosos tempos passados.

Para nós, cidadãos de Lisboa, será isso tanto mais facil, quanto mudando o regimen, não mudas de administração. Tinheis já a administração republicana. Com ella continuais. A unica diferença consiste em camara municipal e governo do Estado viverem, de ora em diante, cordeal e fraternalmente unidos para maior formosura e fortuna da cidade.

Cidadãos de Lisboa, a vossa camara municipal saudava-vos, saudando tambem:

A bravura indomita dos marinheiros e soldados da revolução!

O heroísmo dos voluntários civis!

A perfeita honestidade e generosidade da população!

A memoria dos mortos e a dôr dos feridos!

A amargura das familias dos martyres da Republica e a dos que, resistindo-lhe, julgavam cumprir o seu dever!

Viva a cidade de Lisboa!

Viva a Republica Portuguesa!

Assim laconico mas firme, preciso e tolerante, o tom destas proclamações determinou no animo publico uma excellente disposição de serenidade reflectida.

As massas populares, incluindo os cidadãos que percorreram com armas as ruas da capital, portaram-se com uma urbanidade e cordura dignas do mais elogioso registo. A policia da cidade, feita de improviso por populares escolhidos pelas juntas de paróquia, contribuiu eficazmente para a manutenção da ordem. Todos se conduziram com a dedicada convicção de quem cumpre um indeclinavel dever civico.

A sabida do Rei

Na tarde de 4. logo que começou o bombardeamento do Paço das Necessidades, o Rei D. Manoel foi tomado de um profundo pavor, perdendo toda a coragem, e resolvendo logo fugir de Lisboa. Então um automovel o conduziu ao palacio real de Mafra, acompanhando-o o Marquês do Faial e o Conde de Sabugosa. A Rainha D. Amelia, que estava em Cintra, para ali se dirigiu nessa mesma tarde. Ma manhan seguinte chegou tambem áquella villa a Rainha D. Maria Pia.

Depois de uma noite angustiosa como foi a de 4 para 5, as noticias recebidas de Lisboa e transmitidas ás pessoas reaes lançaram-nas em um abatimento quasi inconsciente. Assim estiveram, tomadas de indecisão, até ás duas horas da tarde,

hora a que o administrador do concelho de Mafra recebeu ordem telegraphica do novo governo para hastear a bandeira da Republica.

Ao mesmo tempo que isto se passava, telegrafavam da Ericeira estar á vista o *yacht Amelia*, e foi então que se decidiu a fuga a bordo daquelle barco.

Eram duas horas e meia da tarde quando a familia real deixou o grandioso palacio de Mafra pondo-se a caminho da praia da Ericeira, em automoveis, escoltados por uma força de cavalaria. A bagagem que puderam levar na precipitação da fuga era quasi nenhuma.

Chegados á praia, em frente da qual pairava o *yacht*, que não chegara a lançar ferro, e se conservava sob pressão, apearam-se os foragidos, trepando ao forte, donde depois desceram á praia. Duas barcas de pesca os conduziram para bordo do *Amelia*, tornando-se o embarque difficil por causa da agitação do mar. Apenas umas quarenta pessoas desceram com a familia real, porque a escolta não deixou passar mais ninguem. Nas ribas apinhava-se uma avultada multidão, que se conservou em silencio durante a meia hora que durou o embarque.

Em um dos barcos tomou logar o Senhor D. Manoel. No outro as duas rainhas. O Senhor D. Affonso tinha embarcado antes em Cascaes no mesmo *yacht*, e conservava-se a bordo.

O rei, ao embarcar, voltando-se para a terra, proferiu estas palavras: — «Adeus, para nunca mais!»

A Senhora D. Maria Pia soluçava.

Por uma pungente coincidência do destino, quarenta e oito annos antes, naquelle mesmo dia 5 de outubro, a esbelta filha de Victor Manoel desembarcava pela primeira vez em Portugal, onde vinha ser rainha.

O *Amelia* fez-se ao largo com presteza, mas pairou depois á vista da Ericeira até perto da meia noite. A essa hora, do lado do Cabo da Roca foi visto fazer por meio de um farol um sinal de luz amarela, afastando-se então o *yacht*, seguindo o rumo norte.

Depois se soube que foi ter a Gibraltar, onde desembarcou os desditosos passageiros da sua ultima viagem real.

O primeiro governo da Republica

Ao primeiro governo da Republica preside o Dr. Teófilo Braga, uma das superiores mentalidades do nosso país. Historiador e filosofo, os seus livros, de alto valor são muitos. Professor

espartano, sabendo reduzir as suas necessidades a toda a restrição conforme com os seus meios. E' o tipo mais perfeito do obreiro benemerito e do cidadão util.

O ministro do Interior é o Dr. Antonio José d'Almeida, espirito muito lucido e caracter integro, tendo por norma inflexivel a sinceridade e a honradez em todos os actos da sua vida. Dota-o a palavra elegante e persuasiva, ardente e facil. As suas qualidades de inteligencia e de atracção pessoal conquistaram-lhe acentuado prestigio no partido republicano. A sua actividade de propaganda tem sido assombrosa. Como deputado, foi extraordinaria a sua acção e influencia parlamentares nos ultimos tempos da monarchia. Alma de verdadeiro patriota, demonstrou bem o seu espirito, de revolta por ocasião do *ultimatum* inglés de 1890. E' o director da revista politica *A Alma Nacional*, que tanto contribuiu para a divulgação dos bons propositos do partido republicano.

O ministro da Justiça é o Dr. Affonso Costa, o tribuno por excellencia, dos da boa tempera. Não tem a Republica, á hora em que é implantada em Portugal, outro de palavra mais quente nem mais arrebatadora. A melhor parte da sua vida, de uma rara actividade, tem sido consagrada á causa que só agora poude triunfar. Lente da Universidade de Coimbra, tendo especialmente no fóro demonstrado as suas notabilissimas faculdades de jurisculto, os seus estudos como professor de direito constituem valiosos livros de jurisprudencia e economia politica. Duas vezes a capital do Norte o elegeu deputado ás Côrtes; e Lisboa o disputou depois ao Porto para o ter tambem como seu representante no Parlamento. A sua acção como parlamentar foi decisiva para o advento da Republica.

O ministro da Guerra é o Coronel Antonio Correia Barreto, espirito alevantado e muito esclarecido, tendo a estima não só de todos os seus camaradas no exercito, mas ainda a de todos os subordinados que tem servido sob suas ordens. E' coronel da arma de artilharia, fazendo parte do estado maior da arma. E' um dos nossos officiaes mais distintos. Foi o inventor da polvora sem fumo adotada no exercito, e o director da fabrica d'esse produto.

O ministro da Marinha é o Capitão de mar e guerra Amaro de Azevedo Gomes, intelligente e denodado elemento do prestigio da nossa armada. E' muito longa e brilhante a sua folha de serviços, já como commandante de alguns navios, já como capitão de alguns portos e governador no Ultramar. A sua biografia de official é cheia



NO ROCIO — OS REVOLUCIONARIOS SAUDAM O POVO DE LISBOA, QUE OS ACLAMA

no Curso Superior de Letras, as suas lições são escutadas com respeitosa atenção; as suas conferencias sempre ouvidas com interesse. Homem simples, sóbrio, com habitos de uma austeridade

de incontestadas provas de amôr ao trabalho, dedicação á patria e respeito á disciplina. Distingue-o um superior criterio, e uma notavel energia deliberativa.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO, RECOLHENDO AS ARMAS

O ministro dos Negocios Estrangeiros é o Dr. Bernardino Machado, notabilissimo pedagogista, lente de Antropologia na Universidade de Coimbra, cargo que havia deixado, para se dedicar inteiramente á causa da Republica. Foi ministro da Corôa, no começo do reinado de D. Carlos, encarregado da pasta das Obras Publicas, Commercio e Industria, abandonando a politica monarchica por intransigencia de nobilissimos sentimentos e principios de convicção profunda.

Para ministro da fazenda foi escolhido o professor sr. Bazilio Telles, pela competencia dos estudos a que se tem dedicado com inteligencia e vontade.

É natural da cidade do Porto, onde nasceu a 14 de fevereiro de 1856. Encetando o curso de medicina, não chegou a concluí-lo, em consequencia de ter tido um conflito com um dos professores da Escola Medica do Porto, abandonando por isso a carreira medica, e, dedicando-se ao professorado, de que tem vivido.

Os seus estudos e trabalhos sobre finanças, affirmam sobejamente seu talento, nas obras que tem publicado taes como: *O problema agricola, Estudos historicos e economicos, A carestia da vida nos campos* e o seu belo livro *Do ultimatum ao 31 de janeiro de 1891*, em que faz a historia daquella revolta, e largas considerações sobre a vida politica e social do povo.

Vindo tomar posse da pasta que lhe fôra destinada, foi acometido por doença que o obrigou a ser substituido á ultima hora, pelo sr. José Relvas, de que publicaremos o retrato e notas biograficas no proximo numero.

As inclinações do seu bello caracter têm-no interessado com vehemencia pelas questões pedagogicas, ás quaes consagrou o trabalho e a atenção de muitos annos, publicando interessantes estudos sobre a educação das creanças. É muito elevada a cultura do seu espirito. A sua figura é extraordinariamente insinuante. Toda a sua vida se cifra em fazer bem e lutar pelo bem.

O ministro do Fomento é o dr. Antonio Luiz Gomes, advogado de notavel reputação, e profundo conhecedor de questões financeiras e economicas. É orador de grande eloquencia, favorecido por seu vasto saber, sabendo entusiasmar os auditorios pelo rigor e clareza de sua palavra e raro poder da sua memoria. Interessam-no particularmente os estudos matematicos, em que se tornou autoridade.

O programa do governo

Desenvolver a instrução; assegurar a defeza nacional, procurando colocar Portugal em condições de verdadeiro e sério aliado com a Inglaterra; desenvolver as colonias sob a base do *self-*

gouvernement; conceder plena autonomia ao poder judicial; crear o sufrágio universal e livre; assegurar o crédito publico; desenvolver a economia nacional; estabelecer o equilibrio do orçamento; fazer respeitar todas as liberdades necessarias; expulsar frades e freiras em harmonia com as nossas seculares leis liberaes; instituir a assistencia social; decretar a separação da igreja do Estado; remodelar os impostos.

Proclamação da Republica no Porto e principaes cidades do país

A maneira como a noticia da proclamação da Republica em Lisboa, foi recebida em todo o país, mostra claramente quanto a propaganda democratica preparara o povo português para a mudança das instituições e estabelecimento do novo regimen.

É do nosso colega a *Mata da Europa* a noticia que se vae ler, de como foi recebida na segunda cidade do país a comunicação de que fôra proclamada a Republica em Lisboa:

«Na capital do norte, logo que chegou comunicação official da proclamação da Republica em Lisboa, todas as forças militares, incluindo a guarda municipal, içaram a bandeira republicana

A's tres e quarenta e cinco da tarde de quinta feira, tendo retirado para quartéis todas as forças postadas nas immediações da Camara Municipal, appareceram á varanda principal do mesmo edificio os vereadores dr. José Nunes da Ponte, Candido de Pinho, dr. Germano Martins, Bernardino Vareta, Napoleão da Matta, Henrique Pereira de Oliveira, Antero de Araujo e dr. José Marques, secretario da Camara, lendo o primeiro a seguinte proclamação:

«Cidadãos! Desde hontem que a gloriosa bandeira republicana flutua triunfante no Tejo, nas nossas naus de guerra e na capital da nação em todas as fortalezas e praças, delirantemente aclamada, como um simbolo de redenção e de esperança, pelo heroico povo de Lisboa. O povo do Porto, que ha mais de dezenove annos derramou o seu sangue generoso pela conquista dessa aspiração grandiosa, não pôde deixar de felicitar-se e rejubilar com o conhecimento deste facto notavel que vem marcar na historia luminosa do nosso país uma época de regeneração e prosperidade, que de ha muito constituia a mais nobre ambição de todos os verdadeiros portugueses.

«É pois, cidadãos, com o coração a transbordar de alegria que eu tenho neste momento a insigne honra de, na qualidade de vereador mais velho da Camara Municipal do Porto, proclamar dos Paços do Concelho a Republica Portuguesa e declarar perpetuamente abolida a dinastia de Bragança.

«É, pois, cidadãos, de que neste momento o estrangeiro admira, certamente, a coragem, valentia e heroicidade com que os nossos correligionarios de Lisboa souberam implantar a nova fórmula de governo do país; eu estou certo, e comigo todos os meus colegas da Camara, que o mesmo estrangeiro admirará o vosso legendario civismo, na perseverança com que haveis de manter a ordem publica e na linha de generosidade que adtareis nos vossos actos e no vosso procedimento.

«Viva a Republica!»
Feita a proclamação a que acima nos referimos pelo dr. Nunes da Ponte, um primeiro sargento cadete da Escola do Exercito, acompanhado por varios individuos, subiu junto ao mastro e hasteou a bandeira republicana.

A praça de D. Pedro estava nesse momento cheia de povo que, de chapéu na mão, saudou vibrantemente a bandeira republicana.

Os vivas á Republica saíam de todos os labios, pronunciados com verdadeiro entusiasmo.

Das janélas de todos os predios que circundam a praça, e que estavam repletas, ouviam-se entusiasticos vivas e via-se acenar com lenços brancos e pequenas bandeiras verdes e encarnadas. Junto ás portas dos Paços do Concelho estavam muitas agremiações republicanas que acenavam com as suas bandeiras.

No rapido da tarde chegou ao Porto o tenente do estado-maior Alfredo Baldemiro Seabra Ju-



SAHIDA DAS EDUCANDAS DO CONVENTO DAS FRANCESINHAS

nos seus quartéis. Ao mesmo tempo, todas as autoridades monarchicas entregaram os seus cargos aos republicanos, sendo nomeado governador civil do Porto o dr. Paulo Falcão, antigo deputado republicano.

nior, que levou de Lisboa a nota officiosa da proclamação da Republica em Lisboa para o quartel general da divisão, entregando ao comandante da divisão o *Diario do Governo*, com o decreto da proclamação do governo provisório.



O COLEGIO DO QUELHAS NOS DIAS DA REVOLUÇÃO

Era essa a única formalidade que faltava para satisfazer os escrúpulos do comandante militar.

Imediatamente foi içada a bandeira republicana no meio das mais frenéticas e entusiásticas aclamações. O general Nogueira de Sá fez então expedir para todos os corpos e unidades da sua divisão o seguinte telegrama circular:

«Tendo sido proclamada oficialmente a República de Portugal, o general-comandante da 3.ª divisão determina que V. Ex.ª proceda conforme está determinado no regulamento de continências, mandando içar a bandeira da República Portuguesa, que, provisoriamente, é encarnada e verde. «O himno nacional é, provisoriamente, a *Portuguesa*»

Também o mesmo comandante mandou dar ordem para que dos *képis* e capacetes fôsem suprimidas as corôas que faziam parte dos emblemas do exercito. A seguir foi içada no governo civil a bandeira encarnada e verde.

O povo que se juntava á porta do governo civil, ao vêr hastear naquelle edificio a bandeira republicana, irrompeu em vivas calorosos, entrando no edificio e aclamando a República.

Uma enorme multidão estacionava em frente do quartel, dando constantes vivas ao Exercito e á Republica Portuguesa.

Pelas ruas da cidade o entusiasmo era delirante.

Numerosíssimos grupos de pessoas, entre as quaes muitas empunhando bandeiras verdes e vermelhas e ainda outras dos Estados Unidos do Brasil, passavam erguendo entusiasticos vivas á Republica e dando fortes e sonoras salvas de palmas.

Das janélas dos predios, sempre repletas, principalmente de senhoras, correspondiam estas a tão sentidas manifestações do povo, associando se assim ao jubilo que invadia os espiritos.

Crusavam-se os magotes de povo por todas as ruas e em direcções diversas, confraternisava se, saudavam-se todos, abraçavam-se, chorando de alegria. O facto deu-se tanto de dia como de noite.

Já de manhan, cêrca das dez horas e meia, quando a noticia da proclamação da Republica em Lisboa era conhecida, o deputado republicano dr. Alfredo de Magalhães, que tivera pouco antes na praça de D. Pedro uma dessas manifestações delirantes, impossiveis de descrever, appareceu em uma das varandas da Cervejaria Reis e falou ao povo, pedindo-lhe se conservasse calmo, sempre ordeiro, para que o país siga no caminho do dever e do patriotismo, honrando-se cada vez mais.

Ao terminar as suas palavras ecoou em todo o vasto ambito uma aclamação intensissima ao doutor, deputado e professor da Escola Medica do Porto e bem assim á Republica.

Nessa occasião, atravessava a praça de D. Pedro, em direcção ao quartel do Carmo, uma força de cavalaria da guarda municipal, que compartilhou dos aplausos feitos ao dr. Alfredo de Magalhães.

As janélas de muitos predios ostentavam bandeiras verdes e encarnadas, vendo-se na rua dos Clérigos dois predios com bambinelas das mesmas côres.

Uma banda de musica percorreu diversas ruas tocando a *Portuguesa*, seguida de grande multidão, dando vivas e salvas de palmas. Bandeirinhas encarnadas e verdes flutuavam ao vento, oferecendo tudo isso um aspéto deveras surpreendente.

Pelas nove horas da noite, também imensa multidão, precedida da banda de musica do regimento de infantaria 6, que executava a *Portuguesa*, acompanhada em côro pelos manifestantes, dirigiu-se ao quartel-general e ali, engrossando se incessantemente e comprimindo-se, incomportavel, no largo fronteiro ao edificio e ruas das imediações, em vivas frenéticos, calorosos, ininterruptos, clamorosamente correspondidos, em frémitos vibrantes de communicativo entusiasmo, solicitou a aparição do general Nogueira de Sá.

Este appareceu e foi acolhido com vivas á Republica, em um entusiasmo que não pôde descrever-se.

O Porto está em festa. Reina uma alegria como nunca vimos aqui.»

«Em Coimbra o entusiasmo não foi menor ao saber-se da proclamação da Republica em Lisboa. A Lusa-Athenas aonde centenaes de moços



GUARDANDO O COLEGIO DO QUELHAS



PESQUIZANDO NO INTERIOR DO COLEGIO DO QUELHAS

academicos vão completar os seus estudos scientificos e literarios, levando ao mesmo tempo todos os ideias dos seus vinte annos, devia necessariamente ser das primeiras cidades de Portugal a abraçar o novo regimen.

Eis em resumo o que ali se passou. Durante a noite houve grande movimento pelas ruas, esperando-se anciosamente noticias de Lisboa. Pelas duas horas da madrugada chegou um automovel, transmitindo um dos passageiros a noticia da proclamação da Republica em Lisboa e da constituição do governo provisorio. Esta noticia foi publicada em suplemento, havendo grandes manifestações de entusiasmo.

Pelas 5 horas da madrugada principiaram a ser queimados muitos foguetes em diversos pontos da cidade, reunindo rapidamente milhares de pessoas na Praça do Comercio.

Acompanhadas pela filarmónica Boa União, que tocava a *Portuguesa*, seguiram para os paços do concelho, onde arvoraram, entre grandes aclamações, a bandeira republicana.

Nessa occasião passou uma força de infantaria 23 em direcção ao quartel, sendo-lhe feita grande manifestação de entusiasmo, com palmas e salvas.

A multidão encaminhou-se para o governo civil, onde o deputado republicano dr. Fernandes Costa discursou de uma janéla, pedindo que es-

colheem tres cavalheiros para com elle notificarem ao governador civil do distrito, dr. José Jardim, o advento da Republica.

No gabinete foi-lhe participado o que tinha sido resolvido pelo governo provisorio, dizendo o dr. José Jardim não ter recebido nenhuma comunicação official da proclamação da Republica, mas que obedecia á força, cedendo o seu lugar. Agradecia as atenções com que o haviam recebido, retirando-se, acompanhado pelo administrador deste concelho, dr. José Gaspar de Mattos.

O povo abriu alas, descobrindo-se o dr. Jardim. Muitas pessoas, correspondendo ao cumprimento, descobriram-se tambem. Esta attitude tem sido muito louvada.

Assumi o governo do distrito o dr. Fernandes Costa, que aconselhou muita prudencia e muita ordem, dizendo que ia mandar recolher a policia ás esquadras.

Efetivamente, tudo tem decorrido sem relutancia e da fórma mais pacifica. Na torre da Universidade foi arvorada a bandeira verde e encarnada, repicando os sinos.

A Republica foi ali proclamada á 1 hora da tarde do dia 6. no edificio da Camara Municipal, com o maior entusiasmo do povo da cidade e seus suburbios que ali afluio.

O mesmo tem succedido em todas as cidades de: Braga, Evora, Guimarães, Bragança, Leiria, Viana do Castelo, Setubal, Lamego, Chaves, Faro, Lagos, Santarem, Portalegre, Guarda, Elvas, Viseu, Figueira, e nas vilas como nas aldeias donde a cada hora chegam adhesões e felicitações ao governo do novo regimen.



OS SERVIÇOS DA CRUZ VERMELHA

Nas colonias portuguesas e ilhas

Por telegramas chegados até á data sabe-se que a noticia da proclamação do novo regimen foi recebida em todas as possessões ultramarinas com grande entusiasmo pelo publico, o qual celebrou com regosijos e festas o hasteamento da bandeira da Republica em todos os palacios do governo e estabelecimentos officaes.

De ha muito que o descontentamento lavrava em todas as colonias portuguesas, o qual se manifestava pelas constantes reclamações que de quasi todas ellas eram dirigidas ao governo da metropole, por abusos de toda a especie, por falta de providencias e melhoramentos materiaes e me-

didias de fomento para as suas industrias e comercio.

Não se fizeram esperar os telegramas de Lourenço Marques, Moçambique, Loanda, Mossamedes, Benguela, S. Thomé, Cabo Verde, Timor, Macau, Guiné, India, etc., adherindo á Republica e exprimindo a grande satisfação publica.

Nas ilhas dos Açores e Madeira foi tambem recebida com alvoroço a noticia da proclamação da Republica em Lisboa, sendo logo arvorada em todos os estabelecimentos do Estado a bandeira republicana, saudada pelo povo com grande entusiasmo, tendo as forças militares aderido sem relutancia.

No proximo numero continuaremos a arquivar neste repertorio da historia, tudo o que de mais importante se relaciona com a revolução e mudança do regimen, que não foi possível incluir neste numero.



Aos srs. assinantes e compradores

Este exemplar de 16 paginas corresponde aos n.º 1144 e 1145 de 10 e 20 do corrente.

Por esta razão o seu preço avulso é de 240 réis, correspondente aos ditos dois numeros.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

entrada pela Rua da Emenda, 118, 1. (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francêz



Instituto primario e secundario

Autorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviem-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)